



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3422 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 08 - Formação de Professores

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES INGRESSANTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Nathália Barros Ramos - UnB - Universidade de Brasília

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ana Sheila Fernandes Costa - Universidade de Genebra

A pesquisa tem como objetivo analisar o perfil socioeconômico dos estudantes de licenciatura em história da UnB, nos anos de 2014 a 2017, a partir de variáveis físicas, educacionais e econômicas. Empreendemos uma metodologia com abordagem quantitativa, que se desenvolveu em três etapas: levantamento bibliográfico; levantamento de dados específicos do curso de História, por meio de questionário socioeconômico aplicado pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), Censo Superior e Vestibular, e tabulação e análise dos dados. Referente aos resultados, identificamos que o perfil dos estudantes ingressantes na licenciatura em História, mantém um equilíbrio em relação ao sexo. A idade nos mostra que o estudante e futuro professor é jovem. Em relação à cor, identificamos uma progressiva mudança entre o quantitativo de brancos e pardos, e se mantém estabilidade em relação a negros. Em relação ao tipo de escola em que cursou o ensino médio, temos o maior número de ingressantes oriundos da escola pública. Em relação a renda familiar, os dados nos mostram uma diferença importante nas formas de ingresso, em que o PAS mostra estudantes com concentração de renda maior em comparação ao vestibular.

PALAVRAS-CHAVE: Perfil Socioeconômico; Licenciatura em História; Ingressantes.

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada foi aprovada pelo Decanato de Ensino e Graduação – DEG, e se enquadra no edital DEG/DAC 11/2017. Possui como temática a análise do perfil dos alunos ingressantes dos cursos de licenciatura da Universidade de Brasília - UnB, com foco específico nos alunos da licenciatura em história.

Buscando identificar produções que pudessem contribuir para construção dessa pesquisa, realizamos um breve levantamento com a temática: perfil socioeconômico de estudantes de cursos de licenciatura em Instituições Públicas de Ensino Superior, compreendendo o período de 2010 a 2017. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, encontramos apenas cinco dissertações que se enquadravam nessa temática, uma se referia a licenciaturas em geral e outras quatro a áreas específicas que compreendem os cursos de matemática, biologia, pedagogia e física. Realizou-se, ainda, um levantamento de artigos, em revistas científicas, nas quais encontramos oito produções. Destas, duas se referiam a licenciaturas em geral e as outras seis a licenciaturas específicas, compreendendo os cursos de matemática, biologia, química e letras.

Diante dos resultados do levantamento realizado, esta pesquisa se justifica e ganha relevância pelo fato de não termos localizado nas bases de dados consultadas, em consonância com os anos delimitados, produções que analisassem o curso de história com o olhar direcionado ao perfil socioeconômico dos estudantes ingressantes.

Ao pensarmos na conjuntura nacional, o documento elaborado pela Unesco, contribui para a compreensão desses dados, pois possui elementos que permitem perceber a relação existente entre a escolha profissional e o ingresso nos cursos de licenciatura, evidenciando a existência de uma grande defasagem em relação às demandas de professores na educação básica e o número de professores formados. Gatti e Barreto (2009) ressaltam que os dados levantados pelo Censo Superior de 2007, apresentam uma diminuição do número de estudantes formados em cursos de licenciatura que se voltam especificamente para o magistério. Apontam ainda que os estudantes tem procurado “cursos de licenciatura com a perspectiva de encontrar um leque mais variado de colocações no mercado de emprego” (p.75), ou seja, optam por cursos que possuem ocupações diferentes da docência no mercado de trabalho.

Analisar o perfil dos estudantes ingressantes das licenciaturas, nos remete também ao contexto da profissão docente, que é marcada por questões sócio históricas e possui múltiplas determinações que perpassam por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. Pesquisas realizadas sobre o trabalho docente e o professor iniciante, tem demonstrado a partir dos próprios professores, um contexto de desvalorização, intensificação, precarização e adoecimento na profissão. Com condições de trabalho pouco atrativas, ainda mais quando se compara a faixa salarial com outras profissões. Entretanto, alguns estudos também apontam para a atratividade da profissão, por camadas da população que visam uma ascensão social. Esses são apenas alguns fatores que podem influenciar na escolha do curso. Diante desse contexto, queremos compreender quem são esses futuros professores? Qual o perfil socioeconômico dos estudantes de licenciatura em história na UnB? Quem quer ser professor de história?

Considerando o exposto, essa pesquisa tem como objetivo analisar o perfil socioeconômico dos estudantes de licenciatura em história da UnB, no período de 2014 a 2017, a partir de variáveis físicas, educacionais e econômicas.

METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem quantitativa, tendo como amostra, estudantes ingressantes no curso de licenciatura em história, no período de 2014 a 2017. Para alcance do objetivo, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu em três etapas.

A primeira etapa corresponde ao levantamento bibliográfico realizado em revistas científicas e na BDTD, com a temática: perfil socioeconômico de estudantes de cursos de licenciatura em Instituições Públicas de Ensino Superior, compreendendo o período de 2010 a 2017.

A segunda etapa se refere à identificação dos dados específicos do curso elegido a partir de questionário socioeconômico aplicado pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), Censo Superior e Vestibular. A partir desses dados, selecionamos como variáveis físicas: idade, sexo e cor; educacionais: tipo de escola que cursou o ensino médio; e econômicas: renda familiar. Por fim, a última etapa consistiu na tabulação e análise dos dados, a partir das categorias elencadas, permitindo a identificação do perfil dos ingressantes.

ANÁLISE DO PERFIL SÓCIOECONÔMICO

Para poder traçar o perfil dos estudantes da licenciatura em História, estaremos utilizando os dados do PAS, Censo Superior e Vestibular. Sendo importante salientar que as vagas na UnB são distribuídas entre as formas de ingresso, PAS, Vestibular e SiSU. Correspondendo durante o ano a 25% para o PAS e 25% para o SiSu, no primeiro semestre, e 50% para o Vestibular no segundo semestre. Contudo, essa divisão foi alterada no ano de 2017, que passará a ter o ingresso pelo PAS também no segundo semestre, correspondendo então a 25% das vagas para cada modalidade, reduzindo pela metade o quantitativo destinada ao vestibular. Talvez a forma de ingresso desses estudantes aponte diferenças referentes ao perfil socioeconômico. Adentraremos agora na análise dos estudantes ingressantes.

a. Sexo

A primeira variável que iremos analisar se refere ao sexo dos ingressantes do curso. Buscaremos compreender quais as possíveis mudanças ou predominâncias. O quadro abaixo apresenta informações relativas ao sexo por ano, segundo a fonte dos dados.

Quadro 1- Sexo dos Estudantes

SEXO DOS ESTUDANTES INGRESSANTES		
	Masculino	Feminino
2014 - PAS	38	42
	47,5%	52,5%
2015 – Censo Superior	30	46
	39,5%	60,5%
2016 - Vestibular	46	34
	57,5%	42,5%
2017 - Vestibular	25	15
	62,5%	37,5%

Fonte: PAS/2014 – Censo Superior/2015 – Vestibular UnB/2016 e 2017

Embora a profissão docente já tenha sido um espaço masculino, o exercício da docência como aponta Cruz (2012) é marcado sócio historicamente por uma presença expressiva da mulher, demonstrando um processo de feminização na constituição da profissão docente, principalmente nos anos iniciais. Contudo, a docência por especialidade tem apresentado diferenças nessa expressividade da presença feminina. Como podemos observar no quantitativo de ingressantes na licenciatura em história, o sexo de quem quer seguir na carreira docente, se encontra em uma condição um pouco mais equilibrada, podemos perceber que nos anos de 2014 e 2015 a presença feminina possui uma variação de 5 e 19 pontos percentuais a mais que a presença masculina. Já nos anos de 2016 e 2017, esses dados se invertem e passamos a ter uma variação de 15 e 25 pontos percentuais a mais na presença masculina.

Os dados levantados confluem com as pesquisas realizadas, em âmbito nacional, pela Andifes (2016) e por Nunes (2015), ao apontarem para um equilíbrio, quando comparado a outros cursos, como pedagogia e física, em que verificarmos no primeiro uma expressiva presença feminina e no segundo a masculina. A pesquisa realizada pela Andifes ainda aponta para a crescente redução da participação feminina na região centro-oeste, que em certa medida também pode ser observada aqui em relação aos anos de 2016 e 2017.

b. Idade

O quadro abaixo apresenta a idades dos ingressantes pelo PAS no ano de 2014, segundo os quantitativos e percentuais.

Quadro 2 - Idade dos Ingressantes de História - PAS 2014

IDADE DOS INGRESSANTES DE HISTORIA - PAS 2014		
Idade	Quantidade	Percentual
15 anos	47	58,75%
16 anos	32	40%
17 anos	1	1,25%

Fonte: PAS/2014

Podemos observar um padrão das idades dos ingressantes por essa modalidade, justamente pelo fato de já saírem do ensino médio direto para a universidade. Atualmente o PAS, abrange um total de 50% das vagas oferecidas pela UnB, nos primeiros semestres de cada ano. Pode-se perceber na tabela que a entrada dos graduandos, por essa modalidade, tem ocorrido em sua maior parcela aos 15 anos, perfazendo um percentual de 58,75 % do total, logo seguido pela idade de 16 anos, com o percentual de 40%. E por fim apenas um aluno entrou com 17 anos. Dessa forma a entrada pelo PAS se concentra em apenas duas idades.

O quadro abaixo exemplifica a idade dos ingressantes pelo vestibular nos anos de 2016 e 2017. Para melhor compreensão dos dados, fizemos um agrupamento das idades: 17 a 20 anos, 21 a 25 anos, 26 a 30 anos e acima de 30 anos.

Quadro 3 – Idade dos Ingressantes Vestibular

Idade dos Ingressantes - Vestibular			
	Ano do Vestibular	Quantidade	Percentual
De 17 a 20 anos	2016	59	73,75%
	2017	23	57,5%
De 21 a 25 anos	2016	14	17,5%
	2017	6	15%
De 26 a 30 anos	2016	2	2,5%
	2017	7	17,5%
Acima de 30 anos	2016	5	6,25%
	2017	4	10%

Fonte: Vestibular UnB/2016 e 2017

Ao observar a tabela acima, podemos inferir que embora o vestibular seja aberto ao público de todas as idades, a maior frequência de ingressantes compreende as idades de 17 a 20 anos, tanto no ano de 2016 quanto em 2017. Em relação ao ano de 2016, na primeira área de concentração das idades, temos respectivamente, 12,5% ingressaram com 20 anos, 28,76%, com 18 anos e 30% com 19. Embora a maior área de concentração compreenda uma faixa etária de alunos recém-saídos do ensino médio, já podemos observar certa diferença em relação ao PAS.

A área de concentração de 21 a 25 anos, possui 17,5% da entrada em 2016 e 15% em 2017, nos dois anos essas médias de idades aparecem equilibradas. Já referente a área de concentração de 26 a 30 anos, temos uma diferença de 15 pontos percentuais. Embora o ano de 2016 compreenda o maior número de vagas, não possui a maior entrada nessa faixa etária. Na última área de concentração, acima de 30 anos, vamos ter o percentual de 6,25% em 2016 e 10% em 2017.

Podemos inferir a partir dos dados que os indivíduos que ingressaram tardiamente no ensino superior ainda compreende uma pequena parcela do curso de história na UnB. Quando analisamos os dados do curso de história adotando como referências estudos realizados em nível nacional, Andifes (2016) e Nunes (2015), podemos dizer que a UnB apresenta diferenças em relação às médias nacionais. No curso de história, em âmbito nacional, no ano de 2011, em instituições públicas, temos segundo Nunes (2015), a média da idade de ingresso de 27,64 anos e em relação as instituições privadas a média sobe para 32,69%.

c. Cor

Essa variável reflete as condições sócias históricas de constituição da sociedade brasileira, que se apresenta desde a sua origem, e demonstra pelos indicadores sociais uma desvantagem de negros e pardos em relação aos brancos, principalmente quando pensamos no universo do ensino superior público. A tabela apresenta dados referentes aos percentuais de ingressantes por cor, forma de ingresso e ano.

Quadro 4 – Dados referentes à cor – auto declaração

COMO VOCÊ SE CONSIDERA						
PAS 2014	Branco	Negro	Amarelo	Pardo	Indígena	Sem Declaração
	38	12	2	25	0	3
	47,5%	15%	2,5%	31,25%	0%	3,75%
Vestibular 2016	30	11	2	30	0	7
	37,5%	13,75%	2,5%	37,5%	0%	8,75%
Vestibular 2017	14	5	1	17	0	3
	35%	12,5%	2,5%	42,5%	0%	7,5%

Fonte: PAS/2014 - Vestibular UnB/2016 e 2017

Ao analisar a tabela acima, pode-se perceber que no ano de 2014, tem-se a predominância da cor branca, correspondendo a 47,5% do total, seguida pela cor parda com 31,25%. Referente aos

estudantes que se declaram negros tem-se o percentual de 15%. E apenas 2,5% se declaram amarelos.

No ano de 2016, temos o mesmo número de ingressantes da cor branca e parda, correspondendo respectivamente a 37,5%. Referente a cor negra e amarela, temos o percentual de 13,75% e 2,5%, respectivamente. No ano de 2017, pode-se observar uma mudança importante nesse quantitativo, no qual a cor parda ganha destaque em relação a cor branca, correspondendo a 45,5% e 35%, respectivamente. A cor negra e amarela se mantém estável em relação aos anos anteriores, correspondendo a 12,5% e 2,5%.

Podemos observar que a cor branca prevalece no ano de 2014, contudo nos anos seguintes ocorre uma mudança progressiva nesse panorama. Em 2016 podemos observar uma equivalência entre brancos e pardos e em 2017, o quantitativo de ingressantes pardos supera os ingressantes brancos.

Em relação à população do Brasil, o censo de 2010 realizado pelo IBGE, aponta que a população branca no Brasil corresponde a 48% do total, sendo que segundo Ristoff (2014), a partir dos dados do Enade constata-se que o campus Brasileiro ainda é 20% mais branco que a sociedade. De acordo com o autor, “apenas o curso de História, a exemplo do que se observa nas licenciaturas e nos cursos de baixa relação candidato/vaga em geral, tem percentuais muito próximos aos da população brasileira branca” (p.730). Embora o autor assinale que o curso de história se mostre um pouco mais equilibrado se comparado a outros cursos, concordamos com Nunes (2015), ao mencionar que “em maior ou menor grau estes dados expressam desigualdades que maculam a história brasileira quando se analisa a composição étnica da nossa população” (p.58). Podemos dizer que houve avanços na diminuição das desigualdades, muito por conta das cotas, mas ainda precisamos avançar muito.

d. Origem escolar dos ingressantes

A origem escolar dos ingressantes do curso de história, segundo a categoria administrativa da escola frequentada (pública ou privada) pode representar muito na constituição do seu perfil. Abaixo segue um quadro que apresenta o panorama das escolas.

Quadro 5 - Tipo de escola que cursou o ensino médio

Tipo de escola que cursou o ensino médio			
	Escola Pública	Escola Privada (Particular)	Não Responderam
Vestibular 2016	44	33	3
	55%	41,25%	3,75%
Vestibular 2017	24	15	1
	60%	37,5%	2,5%

Fonte: vestibular 2016/2017

Ao analisar os dados referentes aos anos de 2016 e 2017, podemos perceber que o número de ingressantes oriundos da escola pública supera os ingressantes das escolas privadas. Temos o quantitativo de 55% e 60% respectivamente. E no que concerne as escolas privadas, temos o quantitativo de 41,25% no ano de 2016 e 37,5% no ano de 2017.

Esse panorama, em certa medida, reflete a adequação às determinações expressas na lei n° 12.711 de 2012, que estabelece para as instituições federais de educação, em seu artigo 1°, a reserva “em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas” (BRASIL, 2012, p. 1). Esta lei foi regulamentada pelo decreto n° 7.824/2012, que além de estabelecer o percentual de vagas para estudantes oriundos de escola pública, ainda subdivide esse percentual relacionando-o com a renda econômica. Ao propor um percentual das vagas para quem possui renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio, e pra quem possui igual ou superior a esse quantitativo. A Lei ainda estabelece dentro dessas vagas, a reserva para autodeclarados pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. As instituições de Educação Superior teriam até o ano de 2016 para realizar o cumprimento integral do disposto no decreto. Importante ressaltar que na UnB, além das cotas previstas pelo decreto, ainda mantém as cotas raciais para negros, que equivalem atualmente na legislação a 5% do total das vagas.

Em relação ao tipo de escola que os estudantes frequentaram o ensino médio, ressalta-se a prevalência de estudantes oriundos de escolas públicas. Entretanto, se considerarmos que o ensino médio brasileiro em relação as escolas públicas, compreende 87% total das matrículas, ainda estamos longe de refletir a realidade brasileira em sua totalidade (RISTOFF, 2014).

e. Renda Familiar

A renda econômica permite perceber os processos de mediação que muitos estudantes enfrentam para permanecerem na graduação, bem como a realidade esmagadora de um ensino superior elitizado. Segundo Nunes (2015), numa perspectiva nacional, as licenciaturas são cursos da classe trabalhadora. Dessa forma, será que a UnB se enquadra nesse panorama? Diante de uma realidade diferenciada no Distrito Federal, buscaremos compreender como se configura o perfil dos estudantes ingressantes na história em relação a renda familiar. A tabela abaixo apresenta a Renda Familiar por forma de ingresso e ano.

Quadro 6 – Renda Familiar

Renda Familiar por forma de ingresso e ano						
Qual é a renda mensal de seu domicílio ?	PAS 2014	%	Vest. 2016	%	Vest. 2017	%
Até 1 salário mínimo.	0	0%	8	10%	2	5%
De 1 até 2 salários mínimos.	0	0%	14	17,5%	8	20%
De 2 até 3 salários mínimos.	4	5%	5	6,25%	4	10%
De 3 até 6 salários mínimos.	13	16,25%	16	20%	6	15%
De 6 até 10 salários mínimos.	10	12,5%	13	16,25%	8	20%
De 10 até 14 salários mínimos.	6	7,5%	7	8,75%	3	7,5%
De 14 até 20 salários mínimos.	4	5%	5	6,25%	4	10%
Mais de 20 salários mínimos.	35	43,75%	4	5%	3	7,5%
Não sei.	8	10%	8	10%	2	5%

Fonte: Pas/2014 – Vestibular 2016 e 2017

Ao analisarmos a renda familiar dos ingressantes do curso de história, nos vestibulares de 2016 e 2017, somente 27,5% e 25%, respectivamente dos estudantes, possuíam uma renda familiar que os enquadravam no grupo social de baixa renda. Sendo que apenas 5% e 7,5% declararam possuir mais de 20 salários mínimos. Ao confrontarmos os dados dos ingressantes pelo vestibular com os dados do PAS de 2014, percebemos uma contradição nítida pela forma de ingresso a qual fica mais evidente ao identificarmos que nenhum estudante declarou pertencer ao grupo de baixa renda, pelo contrário, os dados demonstram que os estudantes que ingressaram, majoritariamente, possuem renda familiar que ultrapassa 20 salários mínimos mensais, totalizando 43,75% dos ingressos deste processo seletivo.

Ristoff (2014) aponta que apenas 7% da população brasileira possui uma renda mensal superior a 10 salários mínimos. Se somarmos o percentual a partir desse quantitativo, teremos no PAS em 2014, um total de 56,25% de ingressantes com renda familiar correspondente a essa faixa salarial, já no vestibular de 2016 e 2017, esse número corresponde a 20% e 25%. Fica claro a nós que a forma de ingresso na UnB representa uma situação dicotômica, quando comparado a renda econômica.

Os dados apresentados sobre o curso de história, em linhas gerais, demonstram um avanço em relação às políticas de inclusão e a democratização do acesso a UnB. Contudo é nítido que a realidade dos estudantes ingressantes na UnB, em relação ao curso de história, é diferenciada. Embora a UnB seja pioneira no sistema de cotas, e tenha tido uma mudanças significativas quanto às políticas de acesso e permanência, ainda apresenta um panorama elitista, em especial quando analisamos cursos de licenciatura, que são, em grande medida, constituídas por estudantes trabalhadores, essa realidade não representa a totalidade desse curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados constatamos que o perfil dos estudantes ingressantes na licenciatura em história mantém um equilíbrio em relação ao sexo, não possuindo uma predominância de gênero. Confluindo com pesquisas já realizadas que apontam para uma progressiva mudança no caráter de feminização das licenciaturas por especialidade.

Quanto a idade, os dados referentes a amostra analisada nos permite inferir que a licenciatura em história foi para esses estudantes uma primeira opção de curso, pois a grande maioria dos ingressantes saiu do ensino médio direto para o ensino superior.

Em relação ao tipo de escola em que cursou o ensino médio, temos o maior número de ingressantes oriundos da escola pública, o que nos leva a inferir que esses dados refletem a implementação das cotas sociais na UnB, e apontam para um progressivo avanço no alcance da democratização. Embora, a renda econômica dos estudantes analisados demonstre que o acesso ainda é predominantemente da elite.

No panorama geral, os dados nos revelam que embora esteja ocorrendo uma mudança progressiva em relação ao ingresso, e comece a refletir a implementação das cotas sociais, o acesso ainda se dá por uma elite rica e branca que é minoria se comparada a sua representatividade na sociedade brasileira, mas que configura uma maioria significativa na licenciatura em história, na UnB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES. **IV PESQUISA DO PERFIL SÓCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS**. Uberlândia, Julho de 2016.

BRASIL. **Lei n° 12.711, de 29 de Agosto de 2012**. Casa Civil. Brasília, 2012.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.824, DE 11 DE OUTUBRO DE 2012**. Casa Civil. Brasília, 2012.

CRUZ, S.P.S. **A construção da profissionalidade polivalente na docência nos anos iniciais do ensino fundamental**: as práticas e os sentidos atribuídos às práticas por professoras da Rede Municipal de Ensino do Recife. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

GATTI, B. A. e BARRETO, E. S. S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, António. **Vidas de Professores**. Porto Editora, Portugal, 2007.

NUNES, D. F. **QUEM QUER SER PROFESSOR NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DE VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, UnB, Brasília, 2015.

RISTOFF, D. **O NOVO PERFIL DO CAMPUS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3. 2014.